

Couvade - Paternidade e Corpo

Couvade - Fatherhood and the psychosomatic experience

Arianne Angelelli*
Elisa Maria de Ulhôa Cintra**

Resumo: O texto investiga o processo de tornar-se pai. Os rituais chamados de *couvade* são descritos como formas que visam facilitar o processo de constituição da paternidade em grupos indígenas e em diversas localidades no mundo. O objetivo é elaborar simbolicamente o sentimento paterno no homem, promover a conexão espiritual e psicossomática entre o pai e o bebê, e imaginariamente anular afetos de hostilidade e inveja. Na sociedade atual é, em geral, através de sua palavra que o pai confirma sua paternidade, declarando-a diante de seus pares. Apesar do atual desenvolvimento científico, faltam rituais para cuidar de aspectos emocionais no processo de tornar-se pai.

Palavras-chave: Couvade. Paternidade. Elaboração imaginativa. Gravidez. Parto.

Abstract: *The text investigates the process of becoming a father. The rituals called couvade are described as ways of facilitating fatherhood in indigenous groups around the world. The aim is to achieve a symbolic elaboration of paternal feelings, promote a spiritual and psychosomatic connection between father and baby and imaginatively elaborate hostility and envy. Nowadays it is through his declaration that the father confirms his paternity. Despite current scientific developments, there is a lack of emotional rituals in the process of becoming a father.*

Keywords: *Couvade. Fatherhood. Imaginative elaboration. Pregnancy. Childbirth.*

* Psiquiatra especialista em Infância e Adolescência. Membro do Núcleo de Saúde Mental da Sociedade Paulista de Pediatria. Mestre em psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Colaboradora do ProMulher- Programa de Saúde Mental da Mulher do IPq HCFMUSP. Membro do LipSic.

** Psicanalista, Doutora em psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordenadora do LipSic - Laboratório de Pesquisa em Psicanálise Contemporânea PUC-SP e USP.

COUVADE - A PATERNIDADE NO CORPO

“Quando você nasceu ouvi seu grito
 Embora longe muito longe de você
 Meu coração bateu tambor aflito
 Tambor aflito e tonto de bater
 De tanto ser demais
 De tanto ser além
 De tanto bem e eu não ter paz
 Um raio quando cai
 No medo que me fez
 Não me sentir capaz de ser seu pai...
 (DNA, José Miguel Wisnik)

De que maneira um pai pode realizar o processo de filiação de uma criança? A ideia do reconhecimento do filho pelo pai é um tema antigo, que antecede o conhecimento atual sobre a parcela genética do homem na procriação. Descoberto em 1677 o espermatozoide; e o DNA três séculos depois, atualmente dispomos da possibilidade do mapeamento genético e da reprodução assistida. Nos dias de hoje Bentinho, com um teste de farmácia, poderia desmascarar sua Capitu¹. Mas, apesar de todo avanço em relação ao conhecimento da procriação humana, a engenhosa dupla hélice do DNA não é capaz de construir as pontes da filiação. Ser pai e ser genitor continuam sendo categorias que não se sobrepõem necessariamente, assim como há séculos. Se hoje as instâncias jurídicas garantem a legalidade da Ciência, determinando pensões alimentícias compulsórias e o direito à herança do filho biológico, não existe laço de amor que se construa dentro da obrigatoriedade de perfilar alguém por conta do parentesco.

Hoje é possível recorrer a um doador de espermatozoide para as “produções independentes” e implantar embriões em “barrigas de aluguel”. Situações de odoação são comuns em casais homoparentais ou quando uma mulher deseja engravidar com a idade mais avançada. Porém, ainda que possamos manipular e controlar a fertilização pela engenharia genética, a gestação permanece ligada ao útero feminino. A gravidez marca a diferença e a sexuação, a necessidade de dois para formar o Um, além de contribuir para a visibilidade da conexão

1. No romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, Bentinho é atormentado pela suspeita da paternidade biológica do filho, suspeitando de que a esposa Capitu o teria traído com o seu melhor amigo (ASSIS, 2010).

mãe-filho que, como sabemos, também não é garantida. Porém, o pai é sempre uma conjectura. A questão da paternidade liga-se ao dilema da origem. Como um pai, que não gera a criança em seu corpo, pode sentir que ela é sua de fato?

Uma linha de pensamento muito bem embasada, que se apoia na antropologia e no estudo das relações sociais e de parentesco, considera a abstração ligada à externalidade do pai como um caminho para o simbólico. O pai é a não-natureza, o pai é o terceiro, o pai é um semblante que se constrói socialmente, determinado de forma particular em cada cultura.

Em seu livro *A parte do pai*, Geneviève de Parseval (1986) nos conta como a humanidade determinou a paternidade das crianças ao longo dos tempos. Mais ligado à linhagem materna, o irmão da genitora é que se declarava pai da criança, em certas organizações sociais. Em outras culturas, um filho podia ter vários pais, de modo que o sêmen de muitos genitores concorreria para a formação de um único bebê. Este fato estimulava a mãe a copular com diversos homens, de modo a receber deles a substância para gerar uma criança forte, saudável. Para Aristóteles, a semente masculina, composta pelo “pneuma” e pela água, é que contém a potencialidade da alma senciente, enquanto a feminina (a menstruação), densa e terrosa, liga-se à parte material do embrião. Nessa concepção, a semente do pai traz em si o componente mais importante, a maior potencialidade (XINKAI, 2022).

E os exemplos não param por aí. Em algumas tribos, ter filhos era considerado muito importante para o homem. Se o sujeito coabitasse com uma mulher e não gerasse descendência, devia “emprestá-la” a um primo ou parente para que ela concebesse. E o filho gerado desse encontro seria seu. Seria seu porquê era ele quem desejava o filho, ele quem estava com a mulher; e a tribo toda tinha pena do primo que era, ele sim, considerado “o corno” da história! (PARSEVAL, 1986).

Essas narrativas nos levam a teorias que buscam, de um modo ou de outro, valorar a parte do pai diante da enormidade que é o fato da capacidade de gerar feminina. A história dos agrupamentos humanos confirma, também, a ancoragem da parentalidade no plano do desejo, sempre incerto, que precisa, sim, se apoiar no social para se apaziguar e ganhar direção. Nesse sentido, se ninguém nasce homem, ou mulher; imagine, então, o caminho necessário para que um sujeito se torne pai ou mãe.

Mas há uma diferença. Do ponto de vista do olhar do outro, a mulher gestante pode declarar-se mãe, assim que engravida. Pode receber um tratamento especial; já é capaz de enquadrar-se no grupo seletivo das mulheres que

estão “preparando outra pessoa”, como dizia o poeta (VELOSO, 2011). O homem, porém, só se torna pai após o nascimento: é o filho que faz o pai. E este filho permanecerá sem pai se não for por ele re-conhecido.

O caso paterno tem suas particularidades, pois a conexão do homem com o seu filho deve ser posta em marcha de alguma maneira, caso contrário o estranhamento ou o não reconhecimento vão persistir e deixar suas marcas. Na Roma antiga, o *pater familias* devia declarar o filho como seu, em praça pública. Ainda hoje, é preciso dizer sim; o “não” do pai alimenta as estatísticas do nosso país, que tem 11 milhões de mães-solo em seu território (BORGES GALVÃO, 2020).

O “NÃO” DO PAI

Os mitos nos contam histórias de pais que dizem não. Tivemos Laio, que abandonou sua criança para ser devorada pelas feras. Laio, rei de Tebas, fora amaldiçoado, justamente, por ferir as leis da hospitalidade, muito antes do nascimento do filho Édipo. Quando Freud batizou o complexo nuclear das neuroses de “Complexo de Édipo”, acentuou o crime do filho; o parricídio e o incesto. Sobre o crime de Laio, fez mais silêncio. Mas Édipo, criança não desejada, que tinha os pés machucados, que vazou os próprios olhos foi, antes de tudo, a criança mal acolhida por seus pais (FERENCZI, 1929/2011). “Quem vai encontrar o pai nos infernos não será o Édipo conquistador da lenda, e sim o recém-nascido indesejável que vazou os próprios olhos, assim como os pais furaram-lhe os pés para que fosse devorado pelas feras” (GREEN, 1994, p. 76).

O ódio do pai ao filho, na teogonia grega, é retratado por batalhas de vida e morte na sucessão das gerações. Chronos, que engole os filhos, rouba a generatividade do próprio pai, ao castrá-lo com um golpe de foice (DE NEUTER; DORDOLOT-MARCHETTI, 2005). Na mitologia indígena, filhos matam os genitores, para roubar suas vantagens, o fogo, a possibilidade de procriar (MINDLIN, 2002). E essas histórias não estão só no passado: a saga Star Wars (1977), que tem no duelo entre um pai e um filho um dos seus pontos altos, é um grande sucesso de bilheteria.

Assim, o ódio entre gerações vem sendo representado- sonhado- através dos tempos. O espaço mítico, lugar de criação das formas imaginárias, “é o único capaz de autorizar a expressão do inconsciente humano no que tem de mais oculto” (GREEN, 1994, p. 70). Sonhamos, então, ajudados pelos mitos,

com o violento desejo de morte que liga pais e filhos, parte indissociável do seu amor.

HOSPITALIDADE

A figura do pai bondoso e perdoador surge no horizonte mítico quando o poder ilimitado do pai tirano se encontra atenuado. Este pai, que conhece limites, fia-se, confia (e teme) alguma coisa, maior que ele, que o sustenta no seu lugar. Assim Abraão, justo quando se prepara para imolar o filho Isaac, tem sua mão segurada por um anjo. O filho é poupado, vai gerar uma vasta descendência, e Abraão provou sua obediência a Deus (Gên., 22, 1-19). Na hagiografia medieval, temos a figura de Cristóvão, o santo padroeiro dos viajantes, que sustenta Deus em forma de menino, em seus ombros, simbolizando a resiliência e o cuidado paternos (VEIGA,2023).

Para quem não conhece essa lenda, teria existido um homem, chamado Réprobo, que foi um soldado valente, grande como um gigante, mas que desejava servir ao senhor mais forte de todos. Conta a lenda que este homem, certo dia, encontrou nas margens do rio uma criança que lhe pediu ajuda para atravessar as águas. Colocou-a, então, sobre os ombros, e começaram a travessia.

Acontece que, a partir desse momento, o menino, misteriosamente, começou a ficar cada vez mais pesado, conforme o rio ficava mais fundo, exigindo dele um grande esforço. Afinal, o menino revelou ser Jesus, filho de Deus, e agradeceu-lhe a força e a persistência em levá-lo até a outra margem, sem desistir. A partir de então, Réprobo passou a se chamar Cristóvão, aquele que carrega o Cristo. Cristóvão tinha um cajado, e quando o colocou sobre a terra, ele floresceu (gerando frutos) simbolizando a fertilidade masculina.

O sim de Cristóvão e o sim de Abraão podem ser considerados metáforas da paternidade, da aceitação da ambivalência, da coragem de seguir adiante, apesar do ódio, apesar da dificuldade. Afinal, o pai lida com a exclusão desde o primeiro momento, quando se confirma a gravidez, e o processo misterioso se inicia fora do seu corpo. Doando sua vida ao filho, morre um pouco. Com a criança em seus ombros, sente o seu peso crescente; e fica, continua.

Contudo, a possibilidade de fugir e se esquivar está sempre no horizonte da paternidade.

A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE

Quando ainda em devir, o filho vai tomando forma aos poucos: tanto no desejo quanto na dimensão, mais concreta, da sua corporeidade, no longo tempo de duração da gestação humana. O pai e a mãe, cada qual a seu modo, concebem o bebê; feliz a criança que é “concebida” na cabeça de seu pai, como Zeus concebeu Atena, realizando o desejo masculino de gestação. (DE NEUTER; DORDOLOT-MARCHETTI, 2005).

No entanto, quanto à vivência psicossomática do processo gravídico, a mulher tem uma vantagem sobre o homem. Ela lida com transformações corporais e a verdadeira invasão que sofre, em seu ventre, por muitos meses. O pai, por sua vez, tem que lidar com a abstração do filho, construir o seu caminho até ele de muitas maneiras, para poder senti-lo também como “seu”.

Para que o lugar do pai se estabeleça, não basta o seu desejo. Nem o bebê nem a mãe são passivos neste processo, como a clínica não cessa de demonstrar. O filho no corpo da mãe é imposto alto: um pedágio que o pai tem de pagar, e por isso a relação com a mulher é o maior complicador (e facilitador) da relação entre o pai e o bebê nos estágios iniciais. O pai está na “corda bamba”, nesse quesito. Socialmente, tem de provar-se, para ser considerado um pai de primeira categoria (DAVOUDIAN, 2022). Tem de ser “homem”, provedor, corajoso; caso contrário, é um pai “fraco”, um genitor descartável, um nada. Entre quatro paredes, também precisa da licença da mulher para se chegar ao filho. É um sujeito que se angustia, em seu corpo, diante da novidade do recém-nascido; e sente coisas, temores, desejos.

Nesse sentido, o estudo da couvade paterna nos ensina muita coisa. Hoje em dia, muitos insistem em falar na função paterna do genitor masculino, função esta que não seria apenas sua prerrogativa sua, pois pode ser exercida por outros terceiros, na cena perinatal. Nosso interesse é fazer um giro de 180 graus em relação a estas ideias, sem, no entanto, desconsiderá-las totalmente.

A ligação do significante pai com o nome, a palavra, o lugar do masculino em nossa sociedade, ainda tão maternalista, no sentido de atribuir à mulher o lugar do cuidado (IACONELLI, 2023), gera algumas consequências. Entre elas, o risco de jogar no escuro os mecanismos mais primitivos que implicam o pai e sua cria - processo de ordem psicossomática, pré-verbal que depende da proximidade corporal entre o pai e o bebê. Mas, afinal, o que é a couvade?

A COUVADE

Segundo Azoubel Neto (1993), a couvade é um costume muito antigo, praticado por diversos povos, inclusive pelos nossos índios. Consiste na participação do marido nos rituais que sucedem ao processo de fecundação e nascimento de uma criança, desempenhando funções consideradas, culturalmente, femininas. A prática da couvade obedece a rituais que podem variar entre os diversos povos, desde pantomimas imitando as contrações do parto, até a observação rigorosa de dietas e ritos, revelando a existência de sentimentos contraditórios nas relações entre homem, mulher e bebê. A palavra couvade tem origem basca e guarda alguma semelhança com a ideia do “resguardo” pós-natal que ainda é encontrada no interior do nosso país. Em sua origem (*couver*) fazer a couvade significa “se sentar”, ou seja, “ficar sobre os ovos”, “chocar”.

A couvade pode ser descrita por meio de rituais no período gravídico ou depois do parto. No caso pré-natal, o pai vai para sua cama antes de o bebê nascer, enquanto a gestante prossegue trabalhando, até a hora do parto, quando vai, então, para a selva, com uma mulher para ajudá-la. Em seu aposento, o marido simula a agonia das contrações uterinas, para proteger sua esposa de espíritos malignos e da dor.

Na couvade pós-natal, o homem se sente fraco, doente, fica na cama e recebe uma dieta alimentar especial. Depois disso, deve evitar o uso de armas pois, estando ligado à criança, pode machucá-la, por procuração, se insistir em caçar algum animal, comer carnes fortes etc. Em algumas culturas, a couvade assume um aspecto teatral, com ritos de escarificação do corpo, ou quando o homem se veste e se pinta como mulher. Quando a criança nasce, é colocada bem junto do corpo do pai. “O ritual de couvade tinha a função de estimular o desenvolvimento e a expressão do papel paternal” (MARTINI; PICCININI; GONÇALVES, 2010, p. 122).

O fenômeno da couvade impressionou antropólogos, psicanalistas e historiadores através dos tempos (ANGELELLI, 2022). Foi descrito por Marco Polo em suas viagens, estudado por Reik (1946), citado por Freud (1908), Winnicott (1964); inspirou a tese de Raquel Dias-Scopel (2018), antropóloga brasileira, que ganhou um prêmio pelo trabalho sobre a cosmopolítica da gestação, parto e pós-parto entre os índios Munduruku. Raquel conta que, quando foi fazer a etnografia junto com seu esposo, também antropólogo, estava, ela também, grávida. Então o marido recebeu uma explicação para os bocejos que vinha tendo. O que ele estava sentindo era “abalo de criança”.

Ao responder que eu não sentia desejo nem enjoo, um homem Munduruku perguntou ao meu esposo se ele sentia desejo, enjoo ou cansaço. Ele nos explicou que o pai pode sentir o “abalo de criança”. Meu interesse por essa sensação despertou quando nossos anfitriões e amigos mais próximos [...] concluíram que meu esposo Daniel, o pai, estava sofrendo “abalo de criança”. Entre risos e conversas, Araci, que teve 13 filhos e sabe pegar barriga, partear e puxar a mãe do corpo, comentou que Daniel demonstrava sinais de cansaço e que estava “magro”. [...] Coincidentemente, naquele momento, Daniel estava realmente com sono e acabara de bocejar, foi quando então Jó e Itamar, cunhado e filho de Ceci, respectivamente, avaliaram que a “criança estava puxando mais pelo lado do Daniel”, isto é, ele estava sofrendo “abalo de criança”. Daquele dia em diante, o pai Daniel passou a ser o foco de atenção dos Munduruku e de suas perguntas sobre desejo, enjoo, cansaço, entre outras questões, como perda de peso, por exemplo, e eu passei de personagem principal a coadjuvante, ainda no terceiro mês da gestação (DIAS-SCOPEL, 2015, p. 122-123).

Relatos como este dão o que pensar! A atenção de todos com os sentimentos do marido nos leva a enxergar a couvade na perspectiva da simpatia pela condição do pai, ideia que pode ampliar, de modo radical, nossa percepção da experiência perinatal masculina. Talvez os “primitivos” não estivessem equivocados em ritualizar, explicar, facilitar a passagem pela paternidade de modo tão eloquente. Raquel Scopel ficou curiosa pela deferência que toda a aldeia Mundukuru deu ao seu companheiro. Mas, para aquele que atingiu um estado de integração psicossomática, toda experiência corporal apresenta um correlato psíquico. Por que então o inverso não deveria ser verdadeiro?

O estudo da couvade nos permite dizer que o pai, de certo modo, sente também, em alguma medida, o que a mãe sente, o que o bebê sente. Isso não é novidade para o psicanalista, que conhece o modo de comunicação não verbal, o terreno do conhecido não pensado, a intersubjetividade. Pensar a couvade como um dispositivo social que facilita o trabalho psíquico do pai, que também precisa produzir um bebê em fantasia, é entender o papel do ambiente cultural na constituição da paternidade.

ELABORAÇÃO IMAGINATIVA

Em nossa sociedade, muitos pais vêm sendo alijados da proximidade e do cuidado com o recém-nascido. A ideia de que a lida com o bebê é território femi-

nino e a própria construção da masculinidade afastam o homem da experiência psicossomática de ser pai. Uma nova possibilidade se abre para o sujeito contemporâneo, que pode participar, desde cedo, dos cuidados com o filho pequeno. Para mães e pais, é a lida diária com o filho bebê que permite o estabelecimento de laços, do conhecimento e do re-conhecimento deste ser que se constitui no contexto da intersubjetividade desde o início. Afinal, o processo de filiação também passa pelo corpo.

Muitas vezes mal interpretado, pela ênfase no papel da mãe para a constituição do sujeito, Winnicott é um autor que traz ideias muito mais abrangentes sobre a questão da corporeidade e sua relação com a imaginação e a saúde do psiquismo. Num texto em que fala sobre a amamentação, por exemplo, ele diz que o leite materno não “desce” como uma “excreção”, mas sim é uma resposta ao cheiro do bebê, à visão e ao contato com ele, à empatia pelo seu choro. Para Winnicott, o corpo e o psiquismo, na amamentação, “tudo isso é uma coisa só” (WINNICOTT, 1957/2011, p. 161). Então, se mesmo para a mãe, inundada de hormônios, “a coisa não funciona assim”, como um passe de mágica, por que haveria de ser diferente para o pai? É claro que o cheiro do bebê, a visão e o contato com ele, também para o pai, fazem muita diferença.

Para Winnicott, a elaboração imaginativa das funções corporais é o mesmo lugar do nascimento da psique. Nem a amamentação, nem o amor parental, nem o desenvolvimento saudável do indivíduo são dados como certos, porque o bicho humano não se humaniza sem a presença de um outro. Mas, quando há integração, no desenvolvimento saudável, os processos do corpo são representados e fantasiados, primeiramente a partir da capacidade de rêverie parental, quando as emoções em estado bruto do bebê, que mobilizam seu corpo vivo, podem se transformar em pensamento por meio da continência atenta de seus pais (CINTRA, 2003). No caso dos pequenos, é a capacidade dos cuidadores exercerem essa contenção e metabolização do impensável da criança que possibilita o desenvolvimento da psique incipiente. Isso significa, entre outras coisas, que é diante do estado não integrado do bebê que os pais precisam recorrer à sua capacidade de integração somatopsíquica, para viver, também em seus corpos, a experiência da parentalidade!

Em qualquer tempo, porém, a aquisição da integração psicossomática é um dos elementos-chave da saúde, uma vez que não raro existem dissociações entre a mente e o corpo ou adoecimentos – quando o corpo passa a ser a única linguagem para alguém que está impossibilitado de elaborar os acontecimentos de sua vida de um modo psíquico, simbólico. Há uma evolução no sentido

de “alojar” a psique na soma, que depende do apoio ambiental, a partir de um estado primário não integrado. O reforço do ego da mãe, baseado em sua capacidade de se adaptar, ou o seu fracasso- que deixa o bebê sem os elementos necessários ao funcionamento dos processos maturacionais- determina ou dificulta, afinal, a integração psicossomática, ou a conquista da “morada” da psique na soma, entendida aqui como a capacidade de fruir da unidade psicossomática das experiências ao longo da vida (WINNICOTT, 1964).

O TRABALHO PSÍQUICO DO PAI

Consideremos, então, o sujeito pai como uma unidade psicossomática, a qual está diante da tremenda novidade de receber um filho em sua vida. Nesse sentido, o pai deve fazer um trabalho psíquico em muitos níveis, desde que as mudanças corporais da parceira a transformam em alguém diferente daquela com quem estava eroticamente conectado. O incômodo dessa situação foi ironizado por Nelson Rodrigues, que dizia que o amor entre marido e mulher “é uma grossa bandalheira”. Para o escritor, é abjeto que um homem deseje a mãe de seus próprios filhos. (TRIGO, 2012).

A sexualidade do casal, quando entramos no “terreno sagrado” da chegada do bebê, tende a ser colocada num patamar inferior, em relação à magnitude dos sentimentos relativos à parentalidade. Mas isso não é confirmado pela clínica. Os pais em análise trazem sonhos e receios relativos à dificuldade de integrar, em seu psiquismo, duas correntes amorosas: a corrente terna, que recalca a sexualidade genital e adulta, e a corrente erótica, que é importante para a economia psíquica do casal, um elo entre eles. Os pais reagem a isso de diferentes maneiras. O homem pode desligar-se da companheira, procurando um caso amoroso, pode temer machucar o feto, e inibir sua iniciativa sexual, pode experimentar disfunções sexuais, ficar confuso sobre seus sentimentos já que a parceira “mudou tanto”. Seu psiquismo não é indiferente ao que vê e percebe. Se dorme com ela, percebe as mínimas mudanças, a alteração da temperatura, os padrões de sono, o cheiro, os sinais de que ali, naquele corpo, vive um bebê. Não é pouca coisa.

Num outro nível, o pai também revive, mesmo antes do nascimento do filho, o bebê que foi um dia (GOLSE, 2019), sua identificação feminina primária (RIBEIRO; BELO, 2016) e, finalmente, a sensação de esfolamento que pode comparecer, em todos nós, quando entramos em contato com a fina pele psí-

quica do recém-nascido. E, se o filho se concebe em sua psique antes mesmo de nascer, diferente do que se passa com a mãe, ele não conta com as mudanças em seu corpo para guiá-lo no processo. Para o pai, a concretude do filho é tardia, e o encontro com o bebê pode ser um “susto” muito grande. Por isso os pais aproveitam como podem a chance de “ver” o filho no ultrassom, de tocá-lo, ainda que de forma indireta, quando são convidados a sentir os movimentos fetais. A percepção desses movimentos é um marco para muitos homens, que se sentem finalmente em contato com o filho em devir a partir do toque que os faz sentir a corporeidade do bebê.

O fato de ser a mãe quem engravida e amamenta não impede o pai de ocupar um lugar e construir uma sólida ponte entre si e seu filho, seja na condição do cuidado direto com o bebê, exercendo função materna, seja de um outro lugar, exercendo outros papéis. Mas essa ponte, de certa forma, passa pelo seu corpo também. Homem ou mulher, a conexão com o bebê passa pelo corpo, como não poderia deixar de ser! Como é que o pai, que quer conhecer seu filho, lida com o desejo de segurá-lo? Segurá-lo e senti-lo são a parte sensorial, consequência do imediato reconhecimento da criança e sua corporeidade (este é meu filho!) que pode ser, ao mesmo tempo, tão emocionante e desorganizadora.

Apesar da ausência dos rituais da couvade na contemporaneidade, no que diz respeito ao homem “civilizado” que encontramos nos nossos consultórios no século XXI, os sintomas paternos não cessam de se manifestar. Hoje, a couvade é “doença”, definida como “síndrome”, uma somatória de sintomas psicossomáticos apresentados pelos homens e descritos, principalmente, durante a gravidez da parceira. Os sintomas típicos da síndrome de couvade incluem náuseas e vômitos, perda de apetite e dores (de cabeça, de dentes, nas costas), além de aumento do peso, desejos por determinados alimentos, indigestão, azia, dispepsia e dificuldades respiratórias (MARTINI; PICCININI; GONÇALVES, 2010).

Guardadas as devidas proporções, a couvade descrita pelos antropólogos e os “sintomas” do homem moderno não apresentam muito em comum a não ser pela conexão com a gravidez da parceira e a manifestação no corpo do pai. De fenômeno ritualizado para homens em diversas culturas (como em várias comunidades indígenas brasileiras), hoje a couvade parece mais se enquadrar em um transtorno psicossomático. Portanto, na contemporaneidade, questões relativas à dificuldade de o pai simbolizar sua passagem para a paternidade têm sido medicalizadas, compreendidas a partir de um paradigma tecno cien-

tífico (CONRAD, 1992). Essa tendência geral acaba por transformar em doença a dor psíquica decorrente do mal-estar na cultura, o qual se articula com a crise do patriarcado, os sofrimentos narcísicos da atualidade e as transformações da família que tanto afetam a parentalidade.

Bernard This, psicanalista francês, em seu livro *O Pai: ato de nascimento*, ironiza a questão do apagamento da couvade na mentalidade do homem moderno: “Somos pessoas sensatas e tal costume nunca existiu entre nós. É um fenômeno localizado no tempo e no espaço. É um costume basco, corso, espanhol. Isto acontece na Sardenha, nas Baleares, mas sejamos sérios, isto não nos diz respeito, não somos tão selvagens!” (THIS, 1987, p. 140). Mas que pena...

TEORIAS SOBRE A COUVADE

Se aqui propomos uma teoria sobre a couvade, pensada como a elaboração imaginativa da gravidez e do elo entre pai e filho, seguimos uma longa tradição de explicações sobre o fenômeno, elaboradas por pesquisadores que a interpretaram de diversas maneiras ao longo dos tempos.

Para alguns, o ritual da couvade se constituía numa cerimônia de reconhecimento e garantia da legitimidade da criança, demarcando para a sociedade quem é o pai (o pai é quem faz o resguardo) e atraindo para sua cabana os espíritos do mal, “que poderiam gastar sua ira na mãe simulada, deixando a mãe real livre para ter seu bebê em segurança” (MARTINI; PICCININI; GONÇALVES, 2010, p. 122). Essa teoria religiosa, ou mística, teria como objetivo atrair para o pai os demônios da febre puerperal e outros que poderiam querer se apoderar do filho nascituro (AZOUBEL NETO, 1993). Devemos nos lembrar que as crianças morriam como moscas no primeiro ano de vida, desde que o mundo é mundo, e a sobrevivência dos recém-nascidos é relativamente recente na história da humanidade.

Outras explicações para a couvade evidenciam a relação com o patriarcado, sendo a couvade um modo de confinar o marido em casa, ao mesmo tempo auxiliando nos cuidados do bebê e sofrendo as privações que representa, para a mulher, o período puerperal. É uma teoria mais “feminista” deste fenômeno. Porém, há ainda o grupo de teorias que entendem existir no pensamento do homem primitivo uma forte conexão entre o pai e a criança, conexão que vai além do parentesco, da ternura ou do dever, pois admite que o corpo e o espírito de ambos estão ligados por um vínculo poderoso, de tal modo que o

que um faz atua diretamente no outro. “O homem primitivo considera a criança como parte de si mesmo” (AZOUBEL NETO, 1993, p. 96).

Da mesma maneira, existem descrições da oposição entre o leite materno e o esperma do pai, preconizando sua abstinência sexual, para fortalecer o corpo da criança na amamentação (DOJA, 2005). E relatos muito interessantes, como aquele que relaciona os movimentos paternos, se bruscamente realizados, com a presença de cólicas no bebê. Restrições alimentares, de caça e atividades baseiam-se na crença de que as ações do homem interferem na saúde do recém-nascido, conectando-os.

Pichon Riviére (1974), baseado em exemplos de rituais de couvade de índios sul-americanos, entende que, para eles, a mãe seria responsável pelo nascimento físico, material, da criança, e o pai seria responsável pelo seu nascimento espiritual. Parece que os índios chilenos leram Aristóteles, quando dizem que, se o aspecto mais óbvio do nascimento é a relação física entre a mãe e a criança, o pai é que garante a ancoragem de sua alma no corpo, sendo a mãe apenas um “recipiente” para a vinda da criança ao mundo!

AMBIVALÊNCIA

Segundo alguns psicanalistas (REIK, 1946; ROHEIM, 1959 *apud* AZOUBEL NETO, 1993), o foco do estudo da couvade não versa sobre a conexão amorosa entre bebê e pai. Seria, outrossim, uma ritualização que teria o objetivo de proteger o recém-nascido da inveja e rivalidade do genitor e os demônios, tão temidos, a personificação dos sentimentos de ódio dirigidos contra a criança. Assim, as proibições de comer carnes são substituições do desejo de devorar o bebê, matando-o, reincorporando-o, como fazia Chronos, o pai mitológico. A angústia, suscitada pelo desejo, desta forma se compensa no ritual da restrição dietética, como um mecanismo obsessivo, inconsciente, uma solução de compromisso para apaziguar a violência paterna. Para Azoubel Neto, a realidade psíquica mais profunda é que os pais se sentem ameaçados com o aparecimento dos filhos, sobretudo do mais velho, como quando Laio, temendo uma profecia, manda matar o filho para destruir o perigo potencial que este representa contra sua vida.

O ódio paterno tem muitas razões. Além de se ver despojado da mulher (mãe) pelo próprio filho, existe aqui ciúme e inveja. O ciúme, a dor da privação do amor, se diferencia da inveja, destrutiva, da capacidade criadora do objeto.

Atena, neste sentido, “nunca abrigada pela escuridão de um útero” (THIS, 1987, p. 122) é a luminosa vingança do pai Zeus que diminui a importância da mãe em relação à constituição da criança. A inveja paterna pode estar disfarçada ou explícita, mas deve responder por uma parte da estatística assombrosa do aumento da violência contra a mulher que encontramos na fase perinatal (OKADA *et al.*, 2015; ARAUJO *et al.*, 2020).

Tomados em conjunto, os estudos dos autores que se debruçaram sobre a couvade entendem que este ritual, através dos tempos, tem sido um modo de elaborar, reforçar e auxiliar o estabelecimento do sentimento paterno no homem: seja por promover a conexão espiritual ou psicossomática entre o pai e o bebê, seja por efetuar a possibilidade ritual da anulação da hostilidade e da inveja, seja por meio de mecanismos projetivos e de regressão (deitar-se na rede, comer papinhas) que evidenciam o processo identificatório, intenso e vivido no corpo.

E hoje? Eis a questão do homem atual: tem o saber científico à sua disposição, tem o teste do DNA, mas nem sempre “sabe” o filho pelo corpo, como o “primitivo”² que contava com rituais que levavam muito a sério e que visavam assegurar, dramatizar, validar a paternidade. Apresenta sintomas: “formas de expressão de couvades camufladas, indiretas, perdidas na sua delimitação por falta de rituais mais estabelecidos” (AZOUBEL NETO, 1993, p. 97).

Haveria uma desconexão? Estariam hoje faltando dispositivos rituais, como os da antiga couvade, fazendo a ligação corpo a corpo, ou espírito a espírito, entre pai e filho? É uma pergunta por responder.

CONTEMPORANEIDADE

Em 2022, o doutorado de Simone Guidugli, pesquisadora brasileira, nos mostrou como o fenômeno da couvade está presente nos pais, ainda hoje, para quem tem olhos para ver.

A autora descreveu, no discurso dos homens pesquisados – todos “marinheiros de primeira viagem” – a queixa da invisibilidade e o sofrimento por passarem, solitários, por experiências que não encontram espaços de narratividade.

2. O termo “selvagem” e o termo “primitivo” são etnocêntricos, expressam um juízo de valor a respeito dessas sociedades, sendo por isso colocados entre aspas neste trabalho.

O pai que é pai de verdade, que pretende ser pai, ele engravida junto com a mulher, isso é verdade. Ele vive muito do que a mulher vive. Isso é verdade. Eu por exemplo... eu só não cheguei a enjoar e nada, porque ela enjoou de muitas coisas, essa parte não, mas agora todas essas coisas de ficar emocionado, ansioso por exemplo, que eu não era assim, fiquei... [com] vontade de comer as coisas, é verdade. Pode considerar que é um fato verídico (GUIDUGLI, 2022, p. 66).

A autora encontrou nos pais de sua pesquisa o relato de vivências como: enjoos, vontade de comer coisas diferentes e alterações de sono, bem como experiências de desconforto, confusão, preocupação, impotência e desamparo. Ela descreveu como cada um dos indivíduos encontrou significado e importância no cuidado com o bebê, identificando sua falta de referências sobre como cuidar do filho (que buscaram mitigar por meio da busca de informação). Os pais da pesquisa relataram que profissionais e familiares, frequentemente, se ocupavam somente da mãe, desconsiderando o aspecto emocional do processo paterno. Haja vista a repetição, na fala do pai, transcrita acima, das palavras “verdade” e “verídico”. Este homem afirmava a necessidade de ter validadas as suas sensações.

Nos tempos atuais, há instâncias que oferecem oportunidades para o pai que busca uma conexão com o bebê: acompanhar o ultrassom obstétrico, as consultas pré-natais, fazer o preparo do parto, registrar a criança no cartório, dar-lhe o seu sobrenome. Porém, a dimensão do “sacrifício” do tempo (YAMAGUTI, 2015) e do acompanhamento do puerpério, em que o pai também se resguarda para acolher o bebê, com a convivência de toda a tribo, é possibilidade hoje restrita aos pais nos países desenvolvidos (com longas licenças-paternidade) e rara em nosso meio. Considerar o cuidado inicial do bebê uma tarefa feminina, ou ainda, considerar patológicos os “sintomas” dos pais mais identificados ao processo, pode ser uma forma de exclusão camuflada a alijar muitos homens de uma vivência mais enriquecedora da paternidade. Essa alienação do pai contribui, ao mesmo tempo, para a sobrecarga materna.

Arianne Angelelli

aletheia.ensino@gmail.com

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

elcintra01@gmail.com

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. *O sacrifício de Abraão*. Gen 22, 1-19. Ed Paulus 1995.

ANGELELLI, A. M. M. *Do pai ao pa(i)terno: vicissitudes da constituição da paternidade*. São Paulo: PUC SP, 2022.

ARAÚJO, D. L. *et al.* Violência doméstica na gestação: aspectos e complicações para mulher e o feto. *Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás “Cândido Santiago”*, 29 abr. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.22491/2447-3405.2020.V6N1.art06>>. Acesso em: 06 mar. 2025.

ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

AZOUBEL NETO, D. A couvade – um estudo psicanalítico a partir de concepções antropológicas. In: _____. *Mito e Psicanálise: estudos psicanalíticos sobre formas primitivas de pensamento*. Campinas: Papirus, 1993. p. 95-116.

BORGES GALVÃO, L. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. *Revista Direito e Sexualidade*, Salvador, v. 1, n. 1, 2023. DOI: <10.9771/revdirsex.v1i1.36872>. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872>>. Acesso em: 27 fev. 2025.

CINTRA, E. M. de U. As funções antitraumáticas do objeto primário: holding, continência e rêverie. *Tempo psicanál.*, 35, p. 37-55, 2003.

CONRAD, P. Medicalization and Social Control. *Annual Review of Sociology*, v. 18, p. 209-232, 1 jan. 1992. DOI: <10.1146/annurev.so.18.080192.001233>.

DAVOUDIAN, C. Mas para onde foi o pai? In: MARIN, I. K.; CARVALHO, M. T. V. de; ARAGÃO, R. O. de (Org.). *Quem é o bebê hoje*. A construção do humano na contemporaneidade. São Paulo: Blucher, 2022. p. 123-135.

DE NEUTER, P.; DORLODOT-MARCHETTI, V. de. L'agressivité paternelle, hier et aujourd'hui. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*. v. 53, n. 5, p. 231-237, Sep. 2005.

DIAS-SCOPEL, R. P. *A cosmopolítica da gestação, do parto e do pós-parto: auto atenção e medicalização entre os índios Munduruku*. Brasília: Paralelo 15, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/129172/327838.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 fev. 2025.

DOJA, A. Rethinking the Couvade. *Anthropological Quarterly*. v. 78, n. 4, Fall 2005, p. 917-950.

FERENCZI, S. (1929). *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 55-60. (Obras completas Psicanálise, 4).

FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Tradução de Paulo Cesar Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, 6).

GREEN, A. Édipo, Freud e nós. In: GREEN, A. *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Tradução de Irene Cubric. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 57-115.

GOLSE, B. O que o bebê transmite aos adultos: (O conceito de transmissão psíquica ascendente). *Cad. psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 41, p. 11-20, dez. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev 2025.

GUIDUGLI, S.K.N. *Um estudo qualitativo sobre o pré-natal e o puerpério na perspectiva do pai*. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <doi:10.11606/T.47.2022.tde-20072022-134026>. Acesso em: 06 mar. 2025.

IACONELLI V. *Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução*. Rio de Janeiro: Zahar; 2023.

MARTINI, T. A. D. De; PICCININI, C. A.; GONCALVES, T. R. *Indicadores de síndrome de couvade em pais primíparos durante a gestação*. Aletheia [online]., n. 31, p.121-136. 2010.

MINDLIN, B. O fogo e as chamas dos mitos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 149-169, 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9853>>. Acesso em: 27 fev. 2025.

OKADA, M. M. *et al.* Violência doméstica na gravidez. *Acta Paul Enferm.*, 28(3), p. 270-4, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v28n3/1982-0194-ape-28-03-0270.pdf>>. Acesso 06 mar. 2025.

PARSEVAL, G. D. *A parte do pai*. Trad de Thereza Cristina Stummer. Porto Alegre: L&PM, 1986.

RIBEIRO, P. de C.; BELO, F. Narcisismo, gênero e sexualidade: aproximações entre Lichtenstein, Ferenczi, Laplanche e Butler. In: BIRMAN, J. *et al.* *Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea*. São Paulo: Zago-doni, 2016. p. 125.

RIVIÉRE, P. G. The Couvade: A Problem Reborn Author(s): P. G. Riviere Reviewed work(s): Source: Man, New Series, v. 9, n. 3, p. 423-435, Sep., 1974.

STAR Wars. Direção: George Lucas. Produtora: Lucas Film, 1977. Disponível em plataforma de streaming, Amazon Prime.

THIS, B. *O pai: ato de nascimento*. Tradução de Mário Fleig e Luiz Carlos Petry. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

TRIGO, L. Frases de Nelson Rodrigues fixaram traços da identidade nacional. *G1*. 23/08/2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2012/08/23/frases-de-nelson-rodrigues-fixaram-tracos-da-identidade-nacional/>>. Acesso em: 06 mar.2025.

VEIGA, E. São Cristóvão: a história e a lenda do santo padroeiro dos motoristas. *BBC NEWS BRASIL*. 24/07/2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2j3429wq4o>>. Acesso em: 4 ago. 2024.

VELOSO, C. Força Estranha. In: CHEDIAK, A. *Songbook Caetano Veloso - Vol.2*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2011.

WINNICOTT, D. W. (1957). A contribuição da psicanálise à obstetrícia. In: _____. *A família e o desenvolvimento individual*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. (1964). Transtorno (*disorder*) psicossomático. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Org.). *Explorações Psicanalíticas*. Tradução de Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 2005. p 82-93.

_____. (1964). Este feminismo. In: _____. *Tudo começa em casa*. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 183-195.

WISNIK, J. M. *DNA*. Álbum Pérola aos Poucos. São Paulo. Circus, 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVpujXLRk0I>>. Acesso em: 27 fev. 2025.

XINKAI, H. Aristotle's theory of seed: seeking a unified account. *Unisinos Journal of Philosophy*, 23(1), p. 1-9, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.4013/FSU.2022.231.01>>. Acesso em: 27 fev. 2025.

YAMAGUTI, A. C. Reflexões hermenêutico-fenomenológicas sobre a condição paterna. 126f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15458>>. Acesso em: 28 fev. 2025.